



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 12 – Ano VI – 10/2017
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Fragmentos das memórias de moradores dos bairros do Cambuci e Ipiranga em São Paulo: (re) construção da história do tempo passado e do tempo presente¹

Prof^a. Dr^a. Marlene Almeida de Ataíde

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Professora do Curso de Graduação em Serviço Social e da Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade de Santo Amaro (UNISA – SP)
Líder de pesquisa credenciada pelo CNPQ. Linha de Pesquisa centrada na área das Ciências Sociais Aplicadas do curso de Serviço Social

<http://lattes.cnpq.br/7753597347502273>

E-mail: maataide@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como sujeitos quatro moradores dos bairros do Cambuci e Ipiranga - São Paulo, para através dos fragmentos das memórias conhecer a história destes bairros e os acontecimentos mais significativos que marcaram ou marcam a vida destes sujeitos. Trata-se de pesquisa qualitativa que utilizou a metodologia da história oral na perspectiva sociológica. A história oral contemporânea assume lugar de destaque e se legitima no âmbito das ciências humanas e sociais enquanto campo fértil que se utiliza das pesquisas de abordagem qualitativa. Enquanto uma metodologia ou técnica de pesquisa atinge os mais variados sujeitos ou, instituições sociais na busca do resgate das memórias individuais ou coletivas. Mergulhar na história do tempo presente, para além da história do passado, significa compreender o nosso tempo e nele, porque não dizer nossas vidas.

Palavras-chave: Memória, história oral, pesquisa qualitativa.

¹ Parte deste artigo foi apresentada no XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social – ANPHU, Natal-RN de 22 a 26 de julho de 2013.

Introdução

Durante longos tempos argumentações foram sendo acatadas de que a “matéria prima” na perspectiva da pesquisa histórica centrava-se exclusivamente no passado, pois o presente e a contemporaneidade, não fariam parte da história. Tal concepção ainda inspira pesquisas e o tempo presente é tratado como de propriedade da antropologia, da sociologia, da psicologia etc., e não, da história. Consentir a inseparabilidade do presente e do passado significa compreendermos que todo historiador pesquisa o passado a partir do seu tempo (que é o presente) e do seu espaço social (hoje), pode-se aceitar que história do tempo presente modifica a história do tempo passado. Portanto, a história do tempo presente é determinante das descobertas da história do passado vivo.

Ou, podemos argumentar que a história do tempo presente não é só importante em si mesma, mas é também determinante do conhecimento do passado. As histórias do tempo presente reconstroem as histórias do passado, sendo fundamentais para a história e a historiografia do passado, do presente e da projeção do futuro. Assim, a história do tempo presente também adquire importância decisiva quando se apóia nas descobertas das ciências sociais contemporâneas refletindo sobre as internalizações do social por parte dos indivíduos que possuem uma mesma formação ou configuração social, pois tanto as histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetivas. Por oportuno, a carga de subjetividade humana presente em todas as práticas sociais constitui uma das centralidades da pesquisa e da produção de conhecimentos históricos, inclusa nesta perspectiva a ampla diversidade das histórias. Defender a relevância teórica prática da história do tempo passado e presente objetivam ressaltar as memórias dos moradores dos bairros do Cambuci e Ipiranga, São Paulo, por meio das fontes construtoras desse campo (especialmente, orais) que se constitui como uma dimensão epistemológica da história oral. Na visita a literatura há praticamente unanimidade de que a história nunca se modificou tanto e com tamanha velocidade como na segunda metade do século passado. Portanto, compreender o presente é fundamental para rever o passado, pois partimos sempre dele para reconstruí-lo.

Na atualidade, a história tornou-se objeto da maior importância, pois vem sendo enfatizada, frequentemente no cotidiano, por intermédio das pessoas, pelos profissionais das mídias escritas, faladas, tudo isso fruto das novas tecnologias da informação. Por outro lado, observa-se sua vivacidade na medida em que cria um crescente impacto na vida cotidiana das pessoas, pois é,

[...] após um período em que a epistemologia privilegiava a continuidade, a constância, as estruturas, nossos contemporâneos redescobriram, graças ao fato e à atualidade, a importância da história. A atualidade nos persegue não nos poupa: há uma demanda social e disso somos [...] testemunhas (RÉMOND, 2006, p. 206).

Não se trata de apostar no presenteísmo e, sim, de argumentar sobre o somatório de créditos à história do tempo presente tanto em si como para a sua importância para a pesquisa histórica, por considerar que o tempo presente não está se fazendo em consonâncias com os padrões de continuidade e das rígidas estruturas previstas teoricamente. Na pesquisa do tempo presente dele partimos regressivamente em busca de outras reconstruções históricas. Para tanto cabe uma atenção especial quanto ao argumento de estar implícita maior ou menor facilidade teórica metodológica.

Por outro lado, aprendemos que,

[...] oposição presente/passado não é um dado natural, mas, sim, uma construção”; [...] a visão de um mesmo passado muda segundo as épocas e que o historiador está submetido ao tempo em que vive; [...] o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente (método regressivo de Bloch) e [...] a história não só deve permitir compreender o ‘presente pelo passado’ atitude tradicional, mas também compreender ‘o passado pelo presente (LE GOFF, 2006, 13-24).

Para Rémond (2006, p. 206), a pesquisa da história do tempo presente exige “rigor teórico-metodológico igual ou superior à história de outros períodos, enfatizando a disciplina, a probidade e a busca constante da ética da verdade”. Ademais, como pesquisadores nunca neutros, mergulhados numa “atualidade que nos persegue” e nos convoca a desvendá-la para assim caminharmos para o passado, pois “Devemos ser responsáveis na pesquisa da verdade objetiva sobre o tempo presente” (RÉMOND, 2006, p. 206). Referido autor assevera que,

Historiadores do tempo presente precisam rever continuamente a delimitação do seu campo de pesquisas. Por um deslocamento contínuo e ininterrupto, um problema, um assunto ou um tema que definia seus objetos retira-se do campo, cai em uma história que não é mais do tempo presente. E como resultado da aceleração, que nos fez ver em dois ou três anos o cenário transformar-se, a maioria dos temas que estavam no cerne da investigação e da reflexão da história do tempo presente de repente envelhece e passa à condição de objeto do passado: a Guerra Fria, o comunismo, a descolonização. Conseqüentemente, os historiadores do tempo presente devem estar atentos às mudanças, acolher novos temas, dar provas de imaginação (RÉMOND, 2006, p. 207-208).

Percebe-se desta forma que existe uma diferença do pesquisador do tempo presente em relação aos demais ao se confrontar com a atualidade, ou seja, seu olhar tem raio curto, concentra-se nos detalhes e se diferencia dos que trabalham com as longas durações naquilo que se repete e se consolida facilita o entendimento dos fenômenos mais estáveis e constantes (estruturais). Por seu turno, a história do tempo presente “evoca a importância da contingência e do fato: a história é feita de surpresas, mais de surpresas do que de ardis” (RÉMOND, 2006, p. 208-209).

Tempo presente: avanços e os desafios

É importante destacar alguns avanços e também, os desafios das pesquisas do tempo presente em relação aos historiadores de outros períodos. Conforme Chartier (2006), a pesquisa histórica do tempo presente “[...] não é a busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra as vidas” e, ademais, ele é o “[...] único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cujas histórias ele escreve” (CHARTIER 2006, p. 215-216).

Com efeito, além de contar com recursos documentais abundantes, renováveis e que parece não se esgotar, mas, ao contrário, se multiplicar, estes historiadores podem construir seus próprios arquivos. Do prisma das conseqüências da crescente importância atribuída à história do tempo presente podemos reafirmar com Chartier que,

[...] essa história inventou um grande tema, agora compartilhado por todos os historiadores, seja qual o for o período de sua predileção: o estudo da presença incorporada do passado no presente das

sociedades e, logo, na configuração social das classes, dos grupos e das comunidades que as constituem (CHARTIER, 2006, p. 216).

Ainda de acordo com Chartier, (2006, p. 216) a história do tempo presente articula “[...] a parte voluntária e consciente da ação dos homens e os fatores ignorados que a circunscrevem e a limitam.” Para esse autor, a argumentação se torna fundamental, pois,

[...] os trabalhos mais argutos dos historiadores contemporâneos [...] são aqueles que se recusando a identificar a história a essa filosofia mutilante do sujeito e da consciência, inserem as escolhas, os compromissos ou as decisões mais voluntárias nas circunstâncias que os tornaram cogitáveis e, logo, possíveis, bem como nos determinantes que os regem e comandam (CHARTIER, 2006, p. 217).

Assim, constata-se que as pesquisas do campo da história do tempo presente têm uma “[...] peculiar pertinência a aspiração à verdade” que é própria da pesquisa histórica. Concordamos com Chartier (2006) ao afirmar que a história do tempo presente, mais que todas as outras, mostra que há entre a ficção e a história uma diferença fundamental que consiste na ambição da história de ser um discurso verdadeiro, capaz de dizer o que realmente aconteceu. Essa vocação da história, que é ao mesmo tempo narrativa e saber, “[...] adquirem especial importância quando ela se insurge contra os falsificadores e falsários de toda a sorte que, manipulando o conhecimento do passado, pretendem deformar as memórias” (CHARTIER, 2006, p. 217-218).

Certamente, neste sentido, as fontes orais têm se revelado como aliadas indispensáveis dos pesquisadores do tempo presente Alberti, (2004). De todo modo, a abundante presença (quase permanente) das gravações de depoimentos de pessoas comuns e de personalidades no terreno dessas investigações, continua a revelar a importância crescente dessas fontes. O fato de que, nos encontros de pesquisa das diversas ciências sociais, as fontes orais (ou a chamada história oral) tenham se constituído em importante aparato das pesquisas qualitativas também nos faz constatar sua estratégica presença.

Isto se dá, basicamente, porque abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: De acordo com Lozano, (2006, p. 15) “[...] o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura

e esfera simbólica humana.” Ora, comunicação, linguagem, cultura e esfera simbólica são constituintes da própria formação humana. Concordamos com Lozano ao afirmar que,

[...] a história oral é um espaço de contato e influência interdisciplinar; social, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura centrar a sua análise na visão e na versão que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (LOZANO, 2006, p. 16).

Assim, não podemos concordar com a idéia de que a história oral é uma “[...] outra história”. Neste sentido, os argumentos de François, (2006, p. 4) são convincentes ao argumentar que, “[...] De fato, especialmente nos países germânicos”, a história oral é vista como ‘outra história’ diferente, tanto em seus objetos como em suas práticas, de história ‘alternativa’, livre e emancipadora, em ruptura com a história acadêmica institucional”. Para justificar tal visão François, apresenta dois argumentos, quais sejam:

[...] A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos, aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada, à história local e enraizada. Em segundo lugar seria inovadora por suas abordagens que dão preferência a uma ‘história vista de baixo’ [...] atenta às maneiras de ver e sentir e que às estruturas ‘objetivas’ e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente ‘micro-histórica’. Entretanto, reparando melhor, nenhuma das razões alegadas para justificar a pretensão da história oral a ser uma ‘outra história’ – e que de tão repetidas quase se tornaram banais – resiste a um exame de especificidade. De fato, longe de serem próprias da história oral, as atenções dadas a novos objetos e a adoção de novas abordagens são, pelo contrário, observadas muito além dos seus limites [...] e constituem apenas um aspecto entre outros das redefinições metodológicas e das mutações internas da pesquisa histórica atualmente em curso (FRANÇOIS, 2006, p. 4-5).

Ainda segundo a referida autora, (2006) podemos dizer que a história oral deve parte do seu sucesso atual ao fato de ter sabido adaptar à história do tempo presente e às problemáticas e aos métodos desenvolvidos pelo que ainda há pouco

chamávamos de nova história. E, assim, não podemos afirmar conforme François, (2006, p. 7) que a história oral é uma “outra” história, pois “[...] pelo alargamento de perspectiva que ela já trouxe, a história oral parece-me ter demonstrado que é mais do que um simples aperfeiçoamento técnico ou um requinte metodológico”. Neste sentido, parece-nos correta a afirmativa de Lozano ao ressaltar que,

A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserindo-a num projeto de pesquisa. Depois, desenvolvemos procedimentos heurísticos apropriados à constituição de fontes orais que propôs a produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle às críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes completares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis (LOZANO, 2006, p. 16).

Ao utilizar a oralidade como uma das suas fontes principais, os historiadores do tempo presente não apenas registram a história vista de baixo, ou ‘dão voz’ aos que não a possuem, e nem fazem com que suas capacidades de pesquisar sejam substituídas pela gravação. E não ficam por aí: buscam outras fontes, apostam na interdisciplinaridade, aproximam-se das ciências sociais/humanas, enfim, têm um olhar crítico sobre a relação do pesquisador do tempo presente com os problemas, os sujeitos e as incertezas da sua pesquisa. Destaca-se ainda, como Lozano especialmente, pensa a pesquisa contemporânea, que,

De certa forma, o historiador oral que tende a integrar todas essas práticas, está em busca do seu passado e ao mesmo tempo de sua identidade. Neste estilo de trabalho, a tarefa de produzir conhecimentos históricos se torna válida e especialmente rica e atual, já que implica: reflexão teórica; trabalho empírico e de campo; maior ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados; um processo de constituição de uma fonte e um processo de produção de conhecimentos científicos, isto é, um processo que permite ao pesquisador se transformar no que sempre pretendeu ser, um historiador (LOZANO, 2006, p. 24).

Em suma, se as fontes orais da contemporaneidade propiciam tantos avanços nas pesquisas, como bem assinala François, (2006, p. 9). “[...] é porque seu potencial heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples ‘ciência auxiliar’, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo.” E, talvez, nenhuma outra fonte histórica consiga

evidenciar a proximidade da pesquisa empírica e da reflexão teórica com os métodos e os problemas (e seus sujeitos), além de demonstrarem cabalmente que a produção historiográfica é sempre elaborada pelo pesquisador e que a história não é resgate, mas, sim, (re) construção.

A memória e a pesquisa: algumas palavras

“A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais”. (Pierre Lévy)

Para Halbwachs (2006, p. 30) “Nossas lembranças permanecem coletivas”. Ou ainda,

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2006, p. 94-95).

Todavia, a explicação tradicional, na qual a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história espelha a memória, parece demasiado simplista na contemporaneidade. A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como as atividades inocentes que julgávamos até bem pouco tempo atrás. Num caso como no outro, os historiadores aprenderam a considerar fenômenos com a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção.

Nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. “Não é obra de indivíduos isolados”. (BURKE, 2000, p. 69-70).

No entanto, coube a Maurice Halbwachs (2006) pesquisar mais detalhadamente o que denominou “estrutura social da memória”, ainda na década de 1920. Segundo o sociólogo francês, as memórias são construções dos grupos sociais. Embora sejam os indivíduos que lembram, no sentido literal da expressão, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado. Portanto, os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos relevantes para o seu grupo. “Lembram muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de

uma pessoa. Daí, pode-se descrever na memória como uma reconstrução do passado”(BURKE, 2000, p. 70).

As memórias são colhidas por intermédio de narrativas e conforme Bosi, (1994, p. 13), “Narrar também é sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto.” Para referida autora ao descrever a substância social da memória mostra que o modo de lembrar é individual, tanto como social. “O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também repercute no modo de lembrar.” (BOSI, 1994, p. 31).

O trabalho investigativo se pautou em uma pesquisa de natureza qualitativa – que indica uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, uma interdependência viva entre pesquisador e o sujeito da pesquisa – um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos no processo investigativo. Martinelli ao referir-se às pesquisas qualitativas, apresenta com ênfase que “muito mais do que descrever um objeto, busca-se conhecer trajetórias de vida, experiências sociais dos sujeitos”, pois na pesquisa qualitativa o pesquisador é também “um sujeito da pesquisa”. Frisa, ainda, que a pesquisa qualitativa permite que o profissional busque expressão e sentido dos sujeitos e suas histórias. (MARTINELLI, 1999, p. 27).

A orientação filosófica adotada foi a do materialismo histórico dialético, que propicia a relação dinâmica entre sujeitos e objeto no processo de construção do conhecimento. Nesta perspectiva, “O método de análise, na perspectiva dialética materialista, não se constitui em ferramenta asséptica, uma espécie ‘de metrologia’ dos fenômenos sociais. Pois, [...] Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto”. (FRIGOTTO, 1991, p. 76-77)

Assim, a pesquisa empírica buscou privilegiar por intermédio da memória a história que os sujeitos da pesquisa moradores dos bairros do Cambuci e Ipiranga-SP, retêm desse antigo bairro da cidade de São Paulo.

Procedimentos metodológicos

Este estudo privilegiou a metodologia e procedimentos técnicos da história oral, por intermédio da gravação de depoimentos e entrevistas dos fatos marcantes que testemunharam e compõem a memória e a história dos sujeitos da pesquisa que residem nos bairros do Cambuci e Ipiranga-SP.

É importante assinalar que os sujeitos entrevistados assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a realização das entrevistas e a divulgação de excertos dos depoimentos gravados cujos nomes não são divulgados para preservar suas identidades. A partir da ordem cronológica de cada entrevista os sujeitos da pesquisa foram denominados de: **cambuci 1, cambuci 2, ipiranguista 1 e ipiranguista 2**

As brilhantes palavras de Thompson, (2002, p. 197), sugerem que,

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, porque não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados no divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair os mais profundos de seus segredos?

Mas para isso, observa-se, o pesquisador deve possuir sensibilidade, e acima de tudo estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuos, para que não necessite induzir o entrevistado a respostas que apenas o pesquisador (a) queira ouvir. Portanto, é essencial que a questão ética esteja permeando a relação a partir da abordagem preliminar.

Falar de recordações significa voltar ao tempo para trazer à tona as lembranças, vivências e as experiências imediatas das nossas vidas. Neste caso estamos falando da memória, que num primeiro momento expressa a presença do passado e que para o sociólogo francês, Burke (2000), as memórias são construções dos grupos sociais. A memória, seja como história da sociedade ou não, tem o papel de nos libertar do passado. Os estudiosos da História Oral Ferreira e Amado (2006); Pollack, (1989) assinalam que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é, também, o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi

salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nesta perspectiva que se pretendeu trazer à tona as narrativas dos sujeitos entrevistados, a partir das lembranças retidas na memória.

As narrativas dos sujeitos: recordar é viver... Fragmentos da memória

*“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”
(Walter Benjamin)*

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994) afirmou certa vez que, “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais.” Benjamin anunciava que a experiência de narrar estava em vias de extinção, pois “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, ou seja, parece cada vez maior o universo de pessoas pobres em histórias, embora ricas em informações, como nos alerta o filósofo alemão.

Referido filósofo traça uma diferença entre a informação e a narrativa/histórica ao alertar que a primeira é direta, tem um ponto a atingir e aí ela se esgota, já “com a narrativa é diferente: ela não se esgota. Conserva sua força reunida em seu âmago e é capaz de, após muito tempo, se desdobrar” (BENJAMIN, 1994, p. 197-198).

Os depoentes denominados de **Cambuci 1** e **Cambuci 2** nasceram e se criaram no bairro do Cambuci onde vivem até hoje. O primeiro na época contava com 53 anos de idade e era *designer* do jornal que dá nome ao bairro; o segundo contava com 82 anos de idade e era secretário na Igreja de Nossa Senhora da Glória. Trazem nas suas narrativas as lembranças que originou o nome do bairro a partir do que Benjamin (1994) atribui a experiências que são contadas ‘boca a boca’, pela narrativa, como meio de troca de vivências e recriação das mesmas, por intermédio das histórias pertencentes a narrativas anônimas ao enfatizar que “[...] o narrador retira da experiência que ele conta [...] e incorpora as coisas narradas às experiências de seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1994, p. 201). As narrativas que seguem indicam que as lembranças retidas na memória dos depoentes foram se forjando nessa perspectiva vejamos com relação ao nome do bairro.

*[...] ele tem esse nome em função da grande quantidade de frutos que tinha aqui na época do início da cidade. Esse fruto ele tinha o formato de um pote que os índios que habitavam aqui faziam. A localização na época fazia esse pote parecido com a fruta e ele tinha o formato meio de disco voador, lembrando também um seio é por isso que deram esse nome de Cambuci em função da fruta **(Cambuci 1)**.*

*O nome do bairro Cambuci é que aqui existiam muitas árvores frutíferas então o nome do bairro é proveniente dessas plantas e agora está sendo muito divulgado em restaurantes com novos pratos da fruta cambuci, então é disso que provém o nome. **(Cambuci 2)**.*

No que diz respeito à origem do bairro ambos os depoentes são unânimes em afirmar sua origem operária, lembrando dos primeiros imigrantes e suas origens, especialmente os anarquistas que iniciaram as primeiras lutas operárias.

*[...] O Cambuci é um bairro praticamente de origem humilde, de origem operária e na época também a gente recebeu uma grande quantidade de imigrantes italianos, espanhóis e libaneses e junto com essa imigração vieram também os anarquistas **(Cambuci 1)**.*

*Aqui foi sempre um bairro operário. Na época das indústrias tinha muitas indústrias aqui no bairro, indústrias de tecidos trabalhavam até 24 horas por dia, isso até mais ou menos 60 a 70. Depois foram se afastando mudando para o interior, ou fechou. O bairro era um bairro operário e dentro da imigração vieram as colônias italianas, espanholas, japoneses, alemães, libaneses, então cada colônia teve sua vida própria. **(Cambuci 2)**.*

Ao discorrer sobre as primeiras lutas que ocorreram no bairro, lembrou dos movimentos operários por melhores condições de salários, tornando o bairro do Cambuci uma referência por ter instalado as primeiras indústrias e ainda, pelas lutas dos trabalhadores. Os depoimentos seguintes ilustram tal situação, a saber:

*[...] aqui começaram também os grandes movimentos reivindicatórios através de melhores condições de trabalho, de salários, então essas lutas da cidade acredito então que tenham nascido aqui no bairro do Cambuci, pois aqui nós temos uma origem operária, nós praticamente abrigamos aqui uma das primeiras indústrias de São Paulo que é a Ramenzoni, que é uma indústria que praticamente o bairro se desenvolveu em cima da indústria Ramenzoni e em cima da Light que ficava uma em frente da outra. Os moradores aqui, quem não trabalhava na Light trabalhava na Ramenzoni, então os movimentos operários praticamente nasceram aqui em busca de reivindicações melhores e foi muito importante tanto para o bairro como para a cidade. **(Cambuci 1)**.*

[...] O bairro se tornou famoso pelas indústrias, que tinha muito emprego e muito movimento operário do bairro, os sindicatos. Tinha na época a Bastilha na época da Revolução aqui na Rua Barão de Jaguará, muitos presos políticos que iam para a Bastilha e dizem que eram muito judiados e tal. (Cambuci 2).

Quanto as personalidades que foram famosas no bairro apenas **Cambuci 1** traz nas memórias aqueles que contribuíram para elevar o nome do bairro e dentre estes enaltece a figura de *Alfredo Volpi*, famoso artista plástico de origem italiana reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho artístico em telas principalmente aqueles dedicados às “*bandeirinhas*” enquanto uma tradição das festas juninas que eram realizadas no bairro no mês de junho, em comemoração a São João. O depoente 2 absteve-se de comentar essas personalidades.

Nós tivemos o privilégio de ter alguns moradores ilustres, que em minha opinião o mais ilustre foi no Alfredo Volpi, um pintor, uma das personalidades mais famosas no mundo hoje, que representa o Cambuci que tem a sua obra toda dedicada às bandeirinhas que era uma coisa tradicional do bairro que eram as festas juninas, foi muito tradicional. O Volpi foi uma pessoa muito ilustre e que ficou aqui até o final da sua vida nos anos 86... 87 acho que foi o ano que ele morreu. (Cambuci 1).

Comentou ainda, **Cambuci 1**, sobre outras personalidades que foram importantes na representação do bairro, como “*Nair Belo e Monteiro Lobato*” este último,

[...] Ele morava numa casa de cômodos conhecida como pensão, cortiço na época e como tinha os imigrantes que falavam até em dialetos ele gostava muito de participar dessas rodas no Largo do Cambuci, de discussões políticas porque ele também era um anarquista ficou marcado na história. (Cambuci 1).

Dentre outras pessoas que foram moradoras do bairro **Cambuci 1** mencionou o palhaço “*Arrelia*” e a dupla de músicos sertanejos “*Tonico e Tinoco, Artur Bernardes um dos fundadores dos demônios da Garoa e Paulo Vanzolim*”, além de políticos como “*Jânio Quadros e Delfim Neto*”.

Tivemos aqui o Senhor Antonio Vituzzo que era uma personalidade fantástica ele produzia películas para o cinema, ele construiu o Museu do Cinema aqui no Cambuci, era uma pessoa muito relacionada nesse meio artístico, naquela época era a TV Tupi, Diários Associados, ele foi um grande colaborador do desenvolvimento nessa área da televisão, do cinema, e criou aqui o

Museu do Cinema que é uma referencia também para nós. (Cambuci 1).

Cambuci 1 lembrou da área das comunicações ao ressaltar os nomes de “Homero Silva e Hélio Ansaldi.” Para este último, após o falecimento foi dado o nome a uma Praça que fica em frente à Igreja da Glória. Por outro lado o **Cambuci 2** mencionou apenas uma personalidade do bairro ao relatar que, “[...] O Volpi morava no bairro do Cambuci.” Nas suas lembranças estão ausentes as demais personalidades narradas pelo **Cambuci 1**. Convidados a narrar sobre a Revolução de 32 quando a Igreja de Nossa Senhora da Glória foi o palco dessa Revolução enfatizaram que,

[...] o pessoal mais antigo contava essa história que foi uma Revolução violenta, ficou muito marcada naqueles moradores aqui. Tanto que as casas mais antigas a maioria tinha porões que era onde o povo se abrigava das bombas, guardava comida. A maioria das residências antigas tinha essa parte de porão que era para poder abrigar e foi muito violenta e as maiores batalhas aconteceram justamente em torno da Igreja da Glória, onde a Igreja foi tomada pelos revoltosos, cercada pelos legalistas e houve um bombardeio violento contra a Igreja, existem fotos antigas que você vê a Igreja sendo destruída, torre bombardeada, porta da Igreja, sacristia, foi uma briga feia mesmo... E acho que foi uma das batalhas mais violentas que houve da parte da Revolução foi aqui no bairro, talvez até por essa centralização e a igreja por ser um lugar alto e você ter uma visão muito grande os revoltosos se aquartelaram ali e foram cercados e houve uma batalha terrível (Cambuci 1).

Na Revolução de 32 a igreja aqui de Nossa Senhora da Glória serviu quase de quartel e os soldados tomaram conta, foi muito bombardeada, e... Como era lugar alto muito favorável e o bairro era descampado a maioria da parte do bairro era tudo várzea então tinha uma visão muito ampla, então teve muito estrago na igreja e depois ela foi reconstruída (Cambuci 2).

Sobre o tombamento da Igreja de Nossa Senhora da Glória e da Capela de Lourdes enquanto patrimônios do bairro, afirmaram que,

Hoje a Igreja está tombada acho que há uns cinco anos, não só a Igreja, mas o entorno dela, porque a Igreja na verdade ela é mais antiga que o bairro. O bairro está com 105 anos e a Igreja é um pouco mais antiga porque existia uma moradora na época que era a Eulália Assunção, inclusive os restos mortais dela estão lá na Capela de Lourdes. Ela começou a fazer aquilo como uma promessa, fez uma pequena Capela e depois construiu a Igreja que foi doada para o bairro. E a capela de Lourdes é uma réplica da famosa capela de Lourdes na Europa, e essa capela é muito linda,

muito bonita que qualquer um pode ir lá. Às vezes ela não fica aberta direto para a rua por questão de segurança, mas você pode ter acesso por dentro da Igreja e vale a pena conhecer porque ela é belíssima e está toda restaurada. (Cambuci 1).

Essa Igreja ela foi inaugurada em 1895 e a Capela de Nossa Senhora de Lourdes em 1874. Então são bem antigas. Acho que há uns 6 anos foi tombada e muitas casas que tem em volta e agora tudo o que tem de fazer tem de pedir a permissão... Mas agora está muito preservada. (Cambuci 2).

Em relação ao significado da Igreja e da história do bairro do Cambuci, para a população residente os depoentes trazem visões opostas, ou seja, enquanto **Cambuci 1** manifesta preocupações em preservar e manter a história do bairro através de uma Rede Social que foi criada, enquanto que **Cambuci 2** enaltece o trabalho do Padre junto aos fiéis para manter a conservação da Igreja. Os depoimentos seguintes demonstram as diferentes visões, vejamos:

Na verdade o pessoal não tem muito conhecimento dessa parte histórica. Eu acho que falta um pouco dessa informação e também é o seguinte: o bairro do Cambuci por ser um bairro muito antigo as famílias mais antigas já morreu, outras mudaram então hoje a ocupação se dá muito com gente nova. Nós estamos com muitos novos moradores que desconhecem um pouco da nossa história e é importante essa divulgação, tanto que criamos a REDES – Rede Social do Cambuci aonde a gente vem tentando fazer esse trabalho de resgate da memória para divulgar para o pessoal ter um pouco mais de conhecimento das importantes histórias que temos aqui no bairro. (Cambuci 1).

Em 1998 foram reconstruídas a Igreja e a Capela que atualmente estão em estado excelente de conservação para receber o público de fiéis. Nós temos um padre muito trabalhador e tudo ele consegue com o povo, a reforma, consegue com o auxílio dos fiéis. (Cambuci 2).

Quanto à preservação do patrimônio histórico do bairro os depoentes são unânimes em fazer referência à antiga Indústria de Chapéus Ramenzoni, bem como a Estação antiga *Light*. **Cambuci 2** acrescenta na sua narrativa o Hospital Cruz Azul enquanto outro patrimônio do bairro, inferindo que no passado não havia preocupações com a preservação dos bens públicos. Vejamos os seguintes depoimentos,

[...] é importantíssimo ter esse acervo guardado. [...] infelizmente são poucas coisas que são preservadas aqui no bairro. [...] Por exemplo, a Ramenzoni que era uma fábrica belíssima infelizmente foi implodida na época para que fosse feita uma central de

distribuição de energia. [...] outro espaço, é a Oficina de bondes (antiga Light) foi a primeira oficina de bondes da época, uma área de 160.00 mil metros quadrados que infelizmente ainda não foi tombada e o nosso medo é que aquilo vire especulação imobiliária. (Cambuci 1).

O patrimônio histórico aqui no bairro, a antiga Light deve manter alguma coisa lá, tínhamos a fábrica de chapéus Ramenzoni, aqui muito famosa e fechou, acho que deveria ser preservada, mas naquele espaço vazio não tinham essa preocupação na época passada. Tem também o Hospital Cruz Azul que acho um patrimônio histórico aqui no bairro. (Cambuci 2).

O esforço para reconstruir as memórias dos moradores do bairro do Cambuci, trouxe um grande significado nesta pesquisa, qual seja a compreensão sobre esse bairro antigo da cidade de São Paulo. O Cambuci é um dos bairros mais antigos da cidade que se têm registro, e foi criado em 19 de dezembro de 1906, pela Lei 1040-B. Trata-se de um bairro que guarda uma história de lutas da classe trabalhadora e foi o berço dos primeiros anarquistas que aqui chegaram e se instalaram no bairro de origem operária.

Os entrevistados nasceram e se criaram no bairro e acompanharam o processo de desenvolvimento, concebido sob inspiração dos discursos ora da estagnação do progresso ora da modernidade. Através das narrativas supra mencionadas, foi possível resgatar e reconstruir alguns aspectos da história do bairro com seus personagens e acontecimentos, embora os sujeitos entrevistados, especialmente Cambuci 2 desconheça alguns episódios que envolvem fatos políticos e acontecimentos sociais, pois cada depoente participa a seu modo da construção dessa história.

Os **Ipiranguistas** conforme denominados são antigos moradores do bairro do Ipiranga, onde nasceram e foram também criados, estudaram nas escolas públicas do bairro e construíram suas famílias. O **Ipiranguista 1** é de origem judaica, formado em Farmácia Bioquímica pela USP, e o **Ipiranguista 2** é advogado, ambos na faixa etária de 76 e 74 anos respectivamente. Importante ressaltar que o **Ipiranguista 1** é um escritor que recentemente publicou a sua obra denominada “Ouviram do Ipiranga: fragmentos de uma vida” e teve como objetivo segundo a sua narrativa,

[...] para homenagear meus pais porque como tantas outras pessoas que vieram de campos de concentração ou não, por que tivemos

árabes, italianos maravilhosos aqui, que não tiveram o devido valor, o merecido valor e eu sempre morei no Ipiranga, sempre gostei do Ipiranga (Ipiranguista 1).

Com relação ao nome do bairro. O **Ipiranguista 2** revela a sua militância política no bairro ao descrever que,

Vivendo aqui na Colina Histórica com 14 anos começamos assumir a liderança no futebol de rua, após em grêmio e time de futebol. Depois de formado participamos das principais entidades do Ipiranga e em muitas delas fomos presidente. Atualmente presidimos a SAMPA – Sociedade Amigos do Museu Paulista da USP e desde 1967 sou colunista da Gazeta do Ipiranga (Amigo do Bairro) (Ipiranguista 1).

Na sua narrativas o **Ipiranguista 1** descreve a origem do bairro ao alegar que,

[...] os relatos sobre a origem do bairro do Ipiranga dão conta da existência de povoamento, na região pelos índios Guaianases e o local ficou conhecido como Ypiranga nome dado pelos índios que significa água vermelha, na língua tupi, devido a existência da água barrenta no riacho que cortava aquelas terras. Vieram então os brancos que expulsaram os índios e deram início a expansão do território, chegando ao final do século XVI a ter um número de 1.500 habitantes que estiveram distribuídos em pequenas fazendas, sítios e chácaras (Ipiranguista 1).

Já o **Ipiranguista 2** não se deteve ao detalhe da origem do bairro, e inicia a sua narrativa trazendo uma época mais recente também compartilhada pelo **Ipiranguista 1** ao ressaltarem que,

Há 60 anos atrás o Ipiranga era como uma cidade do interior que quase todo mundo se conhecia. Poucas ruas eram pavimentadas. A garotada jogava futebol na rua. As festas juninas eram feitas entre os vizinhos com fogueira nas vias públicas. A segurança era tranqüila (Ipiranguista 2).

[...] naquela época no nosso bairro eu nasci em 1936, vamos dizer quando eu tinha uns 9, 10 anos, isso 45, 44, o bairro era operário e então o que a juventude fazia? Os que sabiam jogar futebol jogavam os outros que não sabiam como eu assistia. Então como sou de origem judaica eu sempre liguei muito futebol, vida, judaísmo e política (Ipiranguista 1).

Outro aspecto a ser observado nas narrativas é que ambos os sujeitos trazem semelhanças na representação do bairro relativas às suas infâncias, e

juventude, ou seja, o futebol, o bonde que era o meio de transporte daquela época, o bairro de Heliópolis e suas casas, entre outros, ao dissertarem que,

*No meu tempo de criança e adolescência havia o bonde que vinha do centro da cidade e ia até o fim da Rua Silva Bueno, era o bonde fábrica 23. Nessa mesma linha, outro bonde ia até o fim da Rua Silva Bueno, virando a esquerda chegando a Heliópolis, que era um bairro lindo, com casas quase todas térreas, com jardins e ruas bem arborizadas e na maioria das casas moravam estrangeiros. Gradativamente foi se descaracterizando, aparecendo então os campos de futebol de várzea, transformando-se depois em favela. Das lembranças que tenho do bairro principalmente da infância com meus amigos, eu tive vários amigos, o clube que foi muito importante na minha vida, os vizinhos, a Sinagoga, pois meus pais fizeram uma Sinagoga no bairro e que depois foi doada para uma instituição de crianças (**Ipiranguista 1**).*

*Havia bonde na Rua Silva Bueno e em parte da Rua Bom Pastor. A maioria das crianças estudava em escola pública. Eu estudei na EE Visconde de Itaúna – curso primário. Era rara a construção de prédio. O mais alto era sobrado. Havia diversos campos de futebol, campos da várzea. Havia vários cinemas. O bairro do Ipiranga foi evoluindo sumiram os cinemas. Iniciaram as construções de prédios de apartamento – condomínios. Os ônibus que circulavam nas Ruas Silva Bueno e Bom Pastor começaram cortar as outras ruas paralelas No passado o Ipiranga era como uma cidade do interior e nas décadas de 40 e 50 o C.A.Ypiranga era o pólo esportivo e concorrido centro social do bairro. Um grande número de cinemas. Os bailinhos para os jovens no Centro Independência e no Cisplatina F.C. O grande número de clubes de várzea. Os passeios ao Museu do Ipiranga e visita ao avião Jahu que ficava numa cobertura atrás do museu. O Heliópolis possuía lindos casarões, muitos campos de futebol e uma pequena indústria – Ceratti - onde os ipiranguistas iam comprar mortadela. Uma linha de bonde servia de turismo até lá. Lembro dos desfiles de bandas e fanfarras e de escolas de samba na Rua Silva Bueno. A comemoração do final da II Grande Guerra Mundial com a chegada dos pracinhas quando nosso avô materno levou-nos de bonde para a Av. São João, local do desfile (**Ipiranguista2**).*

As recordações da fase da infância e da juventude de ambos os Ipiranguistas denotam certa nostalgia quanto às lembranças retidas daqueles tempos, especialmente os locais de lazer e de cultura que com o passar dos tempos foram substituídos por equipamentos, modernos, por exemplo, os cinemas que tinham como finalidade levar cultura aos moradores, estão atualmente instalados nos *Shopping Centers* da região e os campos de futebol de várzea deram lugar aos arranha-céus.

Do ponto de vista de locais que se destacam no bairro, narraram que,

Anteriormente o Ipiranga servia apenas como uma parada para viajantes que se dirigiam para Santos. Em uma dessas paradas ficava a “Árvore das Lágrimas” onde era ponto de parada e despedidas dos que acompanhavam parentes com destino a cidade santista ou para outros lugares distantes. Esta árvore tem mais de 100 anos, ela ainda existe e é muito bonita. No século XX veio a ser ponto de encontro novamente, mas a situação era muito mais triste, pois lá se reuniam as famílias para se despedirem dos pracinhas que pertenciam à Força Expedicionária Brasileira (FEB), os quais eram enviados para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial. (Ipiranguista1).

Hoje e sempre o Ipiranga destacou-se pelo esporte – C.A. Ypiranga, seus museus, Parque da Independência, a única Santa brasileira – Santa Paulina, Casa do Grito, Árvore das Lágrimas, Caminho do Mar, Escola de Samba Imperador do Ipiranga (Ipiranguista2).

Nas narrativas de ambos os Ipiranguistas vêm à tona a “Árvore das Lágrimas”, porém o **Ipiranguista 1** fornece maiores detalhes dessa árvore centenária que serviu como ponto de parada para os viajantes em direção a cidade de Santos, bem como, era local para despedidas para aqueles que seguiam para locais mais distantes, como era o caso dos Pracinhas da Força Expedicionária que eram enviados para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Já o **Ipiranguista 2**, procurou privilegiar locais como os patrimônios históricos e outros aspectos que considera importantes ao destacar a Madre Paulina que foi beatificada e se tornou santa perante a igreja católica. Nas suas lembranças tem lugar reservado os patrimônios históricos do bairro e cada um a seu modo embora guarde algumas semelhanças descreve-os conforme as narrativas que seguem:

Acho que tem duas coisas para mim. O Museu que é um espetáculo. Tanto o Museu propriamente dito que expõe as coisas como o jardim do Museu era a única época em 7 de setembro que tinha as fontes e saíam as águas de cores diferentes. E tem o Museu da Zoologia que chamavam o “Museu dos Bichos.” O Museu é muito importante no bairro e tem também as casas dos Jafet e o prédio da Sub Prefeitura que são tombados pelo Patrimônio Histórico (Ipiranguista1).

Museu a céu aberto – pela existência de 4 museus – História, Zoologia, mágicos e carros antigos. Aquário de São Paulo. Universidades. Arquivo da Cúria Metropolitana” (Ipiranguista 2).

As lembranças apresentam significações que merecem ser desveladas, pois envolvem um processo de construção e reconstrução de experiências vividas, que

podem contribuir para um melhor entendimento da interação do homem com seu meio social, político e cultural. As memórias estão repletas de lembranças de um período em que a paisagem do bairro era muito diferente da atual. Apesar de em alguns momentos das narrativas revelarem certa nostalgia com relação à paisagem e às vivências de outrora. O resgate das narrativas possibilitou a construção da história cotidiana dos antigos moradores dos dois bairros, estabelecendo uma teia de relações em que o passado e presente, o local e global, se manifestam nas múltiplas realidades vividas. Ou ainda, conforme as palavras de Bosi, “[...] O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta como a das árvores é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu” ou ainda, “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um *lugar nosso* [...]”. (BOSI, 2003, p. 204). **Grifo da autora.**

Esse “*lugar nosso*” está implícito nas palavras do **Ipiranguense 2** ao enfatizar que,

Somos muito bairristas e sempre procuramos enaltecer tudo que tem e ocorre no bairro do Ipiranga. Inventamos os festejos e as comemorações de aniversário do Ipiranga. Idealizamos e coordenamos a escolha da bandeira e do hino do Ipiranga. Nossa família sempre viveu no Ipiranga. Escrevo a 46 anos na Gazeta do Ipiranga – Coluna Amigo do Bairro – para promover e enaltecer tudo que aqui ocorre.

Considerações finais

Reconstruir as memórias dos moradores dos bairros do Cambuci e Ipiranga em São Paulo significou um esforço, que trouxe significados nesta pesquisa, qual seja a compreensão desses lugares que guarda na memória dos depoentes histórias que tem um profundo diálogo com a história de São Paulo. Os entrevistados nasceram e se criaram nestes bairros e acompanharam o processo de desenvolvimento, concebido sob inspiração dos discursos ora da estagnação, do progresso e da modernidade. Através das suas narrativas foi possível resgatar e reconstruir alguns aspectos da história dos bairros e acontecimentos sociais, pois cada depoente participa a seu modo da construção dessa história, ou ainda, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), é por meio da narrativa que as pessoas

lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis implicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Nas narrativas dos depoentes é nítido o caráter afetivo que perpassa os diferentes lugares dos bairros na memória, importantes no processo de construção/reconstrução das identidades desses moradores. São lugares que possuem uma dimensão simbólica e funciona como suportes materiais para a memória dos bairros.

A pesquisa possibilitou, enfim, ampliar a compreensão sobre essas relações que tão profundamente ligam essas pessoas aos bairros. Importante ressaltar que embora o ato de lembrar envolva diferentes temporalidades e não se restringe tão somente ao passado, perpassa pelo presente que permitiu abarcar o momento atual que os bairros estão a vivenciar.

No entanto, reconstruir o passado para compreender o presente nos bairros do Cambuci e Ipiranga, se constituiu em uma viagem incompleta. Mas esse percurso foi guiado pela paixão em conhecer a história desses bairros, pela construção dos conhecimentos e daquilo que posso denominar de procedimento, técnica e metodologia como enfatizam os autores que ancoram este texto. Em outras palavras, concluir essa viagem exige amadurecimento para responder outras questões frente ao que o objeto de estudo se coloca. E esse amadurecimento, a meu ver, é parte integrante das próprias incertezas geradas pelo conhecimento.

Referências

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikoli Lestov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.
- _____. Memória da cidade: lembranças paulistanas. In: *Estudos Avançados* 17 (47), 2003. p. 198-211.
- BURKE, P. História como memória social. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2000.
- CHARTIER, R. A visão do historiador modernista In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- ETIENE, F. A. fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). In: *Metodologia da pesquisa educacional*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M. W. A entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LOZANO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- MARTINELLI, M. L. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. (Org.). In: *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999. Série (Núcleo de Pesquisa; 1).

RÉMOND, R. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

POLLACK, M.; Memória, Esquecimento, Silêncio; In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. & AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 2002.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.